

# PERCURSOS E PERCALÇOS DA DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM CAMPO GRANDE-MS

## RESUMO

### Jennifer Iunka de Souza

E-mail: jenny.yunka@gmail.com  
Faculdade Campo Grande, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil

### Mykael Ferraz Domingos

E-mail: mykael\_ferraz@outlook.com  
Rede Municipal de educação de Campo Grande, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil

### Rafael Henrique Sappatera Braga

E-mail: rafaelhbraga@gmail.com  
Faculdade Novoeste, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil

### Arao Davi Oliveira

E-mail: adodavi@gmail.com  
Cento Universitário Anhanguera e Faculdade Campo Grande, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil

Esta pesquisa parte de algumas inquietações sobre a docência masculina na educação infantil: Como é o dia a dia desse docente? Existem resistências ao seu trabalho por ser homem? Traçamos como objetivo geral: analisar a docência masculina na educação infantil na Rede Municipal de Educação, de Campo Grande – MS. Esta é uma pesquisa qualitativa, com abordagem documental bibliográfica e de campo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três professores do sexo masculino que atuam ou atuaram na Educação Infantil dessa rede de ensino. Os dados coletados foram sistematizados e analisados com base nos pressupostos de Clarice Escobar de Alencastro (2009), Joaquim Ramos (2001), Joaquim Ramos e Maria do Carmo Xavier (2012) e Angela Cristina Gomes da Silva (2014). Os resultados indicam que esses professores precisaram de um longo tempo para conquistar a confiança dos pais e dos colegas de trabalho, não para superarem todas as desconfianças, mas para estabelecer uma rotina respeitosa de trabalho e convívio extraclasse.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil. Docência Masculina. Feminização.

## INTRODUÇÃO

A educação infantil é uma das etapas da educação básica. Essa etapa é ocupada, em sua grande maioria, por mulheres, o que faz com que se tenha baixo índice de docentes masculinos inseridos na educação infantil. O preconceito da sociedade em relação à atuação do profissional masculino nessa etapa da educação faz com que se tenha constrangimento por parte dos demais, promovendo, assim, grande diminuição desse profissional em campo. Essa pesquisa foi motivada pela observação, em alguns centros de educação infantil da Rede Municipal de Campo Grande - MS, da escassa presença de professores do sexo masculino atuando. Diante dessa observação, levantamos alguns questionamentos: Como é o dia a dia desse docente? Quais são os desafios enfrentados? Partindo dessas inquietações, discutimos essa problemática.

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar a docência masculina na educação infantil na Rede Municipal de Educação de Campo Grande – MS, dividido em dois objetivos específicos: 1. Apresentar o conceito de docência masculina na educação infantil, contextualizando com a legislação brasileira a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1996 (BRASIL, 1996); 2. Investigar os desafios que os professores do sexo masculino encontraram no dia a dia de sua prática docente.

Essa é uma pesquisa qualitativa, de abordagem bibliográfica documental empírica, onde foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com docentes do sexo masculino que atuam e atuaram na educação infantil.

Na pesquisa documental analisamos a Lei nº 9.394/1996, que estabelece a – LDBEN (BRASIL, 1996); as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), de 2010 (BRASIL, 2010); e a Lei nº 8.069/1990 - o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990). A pesquisa bibliográfica fundamentou-se em artigos científicos retirados da biblioteca virtual que reúne uma coleção de artigos, conhecida como Plataforma SciELO. Esses artigos buscaram analisar problemáticas ocorridas com professores do sexo masculino ao iniciar a docência na educação infantil.

Os dados da pesquisa de campo foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e o propósito dessa escolha foi, principalmente, captar pontos relevantes dos entrevistados. Eduardo José Manzini (2003) buscou verificar a adequação dos objetivos pretendidos para a pesquisa, fazendo, assim, a dicotomia de três grupos sobre uma entrevista. A primeira busca refletir sobre como deve ser feito o planejamento da coleta de informações; a segunda, sobre as perguntas que afetam os dados da coleta; e, por último, as perguntas que se referem ao objetivo da pesquisa.

Os sujeitos desta pesquisa são três Professores do sexo masculino, escolhidos pelo critério de que atuam ou atuaram na educação infantil ofertada pela Rede Municipal de Educação de Campo Grande - MS. Os sujeitos autorizaram a pesquisa por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual ficou acertado seus anonimatos. Por isso, nominamos os sujeitos como Professor I, Professor II e Professor III.

Esta pesquisa foi realizada em três Centros de Educação Infantil (CEINF), localizados no município de Campo Grande – MS. As entrevistas foram gravadas em áudio, durante o ano de 2018.

A partir do material empírico sistematizado e organizado de acordo com os pontos relevantes das respostas vindas dos entrevistados, realizamos as análises tendo como parâmetros os conceitos: Vínculos afetivos, de Alencastro (2009); Olhares preconceituosos, de Silva (2014); A vigilância ocorrida no dia a dia dos professores homens, de Ramos (2001) e, ainda, estudos sobre a inserção do professor masculino na educação infantil, de Ramos e Xavier (2012).

O artigo está estruturado da seguinte forma: na primeira seção, apresentamos questões conceituais acerca da temática; na segunda, apresentamos as análises e discussões dos resultados; por fim, na terceira, apresentamos algumas considerações sobre a proposta da pesquisa e os resultados alcançados.

## CONCEITUAÇÃO

Nesta seção são apresentados alguns conceitos e aportes teóricos que fundamentam nossas discussões acerca da feminização do magistério na educação infantil, de como os professores do sexo masculino constituem-se como docentes na educação infantil, também, sobre a afetividade na relação professor aluno na educação infantil.

### A transformação da educação infantil

Educação infantil é a primeira etapa da educação básica, onde é trabalhado o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físicos, cognitivos e afetivos. A LDBEN, Lei nº 9.394/1996 (BRASIL, 1996), estabelece normas de como a educação infantil deve ser organizada, dividindo-se em três artigos: o Art. 29, que refere-se à oferta da educação infantil para crianças de até cinco anos de idade; o Art. 30 que dá ênfase de como ela deve ser oferecida, e, por fim, o Art. 31, que mostra-nos como a educação infantil deve estar organizada.

Toda criança tem o direito a uma educação de qualidade, e esse direito vem sendo assegurado pelo ECA, em parceria com a LDBEN. Essa organização reflete nas práticas dos CEINF, e faz com que a população tenha novos olhares. A Lei nº 8.069/1990 (BRASIL, 1990) assegura sobre essa integridade da criança em todos os seus aspectos, fazendo com que esse futuro cidadão tenha um preparo para exercer a cidadania e qualificação para o trabalho.

Além das leis que ajudam a assegurar a qualidade desse ensino, temos, ainda, as –DCNEI (BRASIL, 2010), que emergem os portões dos CEINF, buscando orientar os currículos de modo a melhorar a qualidade de ensino. De acordo com essas Diretrizes:

As creches e pré-escolas se constituem, portanto, em estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de zero a cinco anos de idade por meio de profissionais com a formação específica legalmente determinada, a habilitação para o magistério superior ou médio, refutando assim funções de caráter meramente assistencialista, embora mantenha a obrigação de assistir às necessidades básicas de todas as crianças (BRASIL, 2010, p. 84).

Kátia Regina Nunes Ribeiro Motti (2007), em sua tese, fez uma análise do processo de municipalização da educação infantil no município de Campo Grande – MS, compreendendo como ocorreu essa mudança, e a necessidade da mesma. Até o ano de 2007, havia um compartilhamento de funções entre a Secretaria Municipal de Assistência Social (SAS), e a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), cabendo a estas ofertarem a educação infantil para a população campo-grandense.

Atualmente, a Secretaria de Assistência Social do Município operacionaliza os Centros de Educação Infantil (CEINFs) em gestão compartilhada com a SEMED – Campo Grande, no mesmo modelo do executivo estadual, até 2007, quando foi assinado o Protocolo de Municipalização dos Centros de Educação Infantil (MOTTI, 2007, p. 77).

Essa autora menciona que essa etapa da educação básica passou a ser responsabilidade da SEMED, sendo assim, os centros de educação infantil devem ter outro olhar após essa mudança.

Uma dessas transformações é a junção do “educar” com o “cuidar”, uma vez que os centros de educação infantil adotam atitudes voltadas, também, ao assistencialismo, ou seja, cuidar das crianças nesses ambientes de ensino está diretamente relacionado ao ensino/aprendizagem, o que faz com que até mesmo o próprio sistema remeta a atitudes de assistência.

### Os alicerces da educação infantil

Há muita discussão acerca das problemáticas ocorridas nos centros de educação infantil, de modo que buscamos investigar as estruturas que vêm transformando essa educação. Assim, para atingirmos os objetivos deste artigo foi necessário, primeiramente, a análise de alguns alicerces vivenciados na educação infantil.

Como foi dito no texto acima, mesmo que os CEINF movam-se em torno do “educar”, o cuidado com a criança ainda é o mais importante. A afetividade é um dos pontos mais vivenciados dentro da sala de aula junto às crianças. Cabe, então, analisarmos as palavras de Alencastro (2009), que buscou entender as relações e contribuições da afetividade do professor com a criança. De acordo com essa autora, “Quando a criança ingressa na escola torna-se ainda mais evidente o papel da afetividade na relação professor-aluno” (ALENCASTRO, 2009, p. 18). Ainda nessa mesma linha de pensamento, a autora reforça que “Para a criança, torna-se importante e fundamental o papel do vínculo afetivo, que inicialmente apresentava-se na relação pai-mãe-filho e depois vai se ampliando para a figura do professor” (idem).

Para que essa relação aconteça é preciso um bom profissional, que, antes de mais nada, deve amar o que faz, estando ciente de que, mesmo com as dificuldades enfrentadas no dia a dia nos CEINF, é preciso buscar essa criança, fazendo com que ela sintam-se segura junto ao professor.

Normalmente, essa afetividade está associada aos profissionais do sexo feminino, da área da Pedagogia. Desta forma, Maria Machado Malta Campos,

Marta Wolak Grosbaum, Regina Pahim e Fúlvia Rosemberg (1991, p. 55), consideram que:

É como se a maternidade efetiva ou potencial de qualquer mulher impedisse, ou bloqueasse, a erotização de suas interações com a criança. As imagens de inocência e pureza ligadas à maternidade não parecem extensivas à paternidade. Quando homens se dedicam ao trabalho educativo com crianças pequenas passam a ser suspeitos tanto sobre sua identidade masculina, quanto sobre sua moralidade.

Suas palavras reforçam que um homem, atuando na educação infantil, transparece a ideia de erotização, fazendo com que essa relação bloqueie o vínculo desse docente masculino com as crianças. Essa feminização na educação infantil surge de um pensamento neutro que ainda ocorre nos portões dos CEINF. Mesmo que no mundo contemporâneo homens e mulheres dividam os trabalhos, tanto em casa, quanto na profissão, ainda encontramos a dicotomia desses dois gêneros nessa profissão.

Claudia Pereira Vianna (2012, p. 160), em seu artigo sobre a feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente, afirma que “[...] o processo de feminização do magistério passou a ser visto como um aspecto referente às relações de gênero presentes nas ações coletivas, organizadas ou não por mulheres”. Outro aspecto levantado por essa autora sobre o processo de feminização expressava “a divisão sexual do trabalho e a reprodução de um esquema binário que situava o masculino e o feminino como categorias excludentes e que dava sentido à história de professoras e professores e às suas práticas escolares” (VIANNA, 2012, p. 160).

### Professores do sexo masculino em centros de educação infantil

Partindo do pressuposto que a LDBEN especifica em seu Artigo 62 que é “[...] admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.” (BRASIL, 1996), observamos que, essa própria LDBEN, em momento algum, cita a mulher como a principal atuante na educação infantil.

Ao apresentar sua tese ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Deborah Thome Sayão (2005) buscou compreender como os professores do sexo masculino constituem-se como docentes na educação infantil. Em seus estudos, mostrou-nos o preconceito que esse professor carrega em suas “costas” - “São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas” (SAYÃO, 2005, p. 16).

Significa dizer que, em alguma medida, a sociedade não consegue aceitar o homem em uma sala de aula com crianças pequenas, principalmente, pelas atividades de cuidados corporais que ocorrem na rotina das crianças. A “higienização” ocorre diariamente, e mesmo que esses professores possuam assistência de outros profissionais em sala, sendo professor, ele deve também participar dessa rotina.

Essa mesma autora defende a ideia desse profissional nessa modalidade de ensino. Para ela, o aumento de envolvidos nessa área seria mais um propósito para um *status* de reconhecimento, vinda dos professores em geral, e a comunidade, vendo a imagem do Pedagogo como um grande profissional. Nesse sentido, afirma que:

Quanto maior envolvimento de homens na Educação Infantil, aumentará a opção de carreira para eles contribuindo para que se desfizesse a imagem de que esta etapa da Ed. Básica é um trabalho apenas para mulheres alterando, dessa maneira, a imagem da profissão e quem sabe melhorando significativamente os salários e o status da carreira (SAYÃO, 2005, p. 16).

Mesmo que esse docente seja graduado em Pedagogia, tenha especialização na área, atinja as habilidades e competências, ame o que faz e ainda seja qualificado em concurso, esse Pedagogo está sujeito a críticas e dúvidas sobre sua profissão, passando por vários períodos de resistência dos demais e, ainda, duvidando da sua moralidade. É uma experiência diariamente construída, tornando-se um movimento da novidade ver esse docente masculino atuando em salas de educação infantil. Esse profissional Pedagogo também enfrenta dificuldades corriqueiras como: a desconfiança da gestão, da equipe pedagógica, dos assistentes, e, ainda, a resistência dos pais.

Por essas razões, o profissional Pedagogo é tolhido de parte de sua capacidade profissional, já que, para poder realizar seu papel com competência, ele deve fazer várias atividades diárias relacionadas ao cuidado pessoal, como: banho; trocas diárias; observação corporal, entre outras. Assim, tão logo receba a criança nos CEINF, os professores devem estar atentos a machucados e ferimentos ocorridos em casa, brincadeiras que exigem o contato corporal, e, ainda, o afeto ofertado à criança, como abraço, beijo no rosto e o carinho do professor para com o aluno e vice-versa.

Dessa forma, tiram conclusões precipitadas sobre a capacidade desse profissional homem quando atua em sala com os pequenos. Na educação infantil encontramos essas aproximações do professor e aluno, e essa relação afetiva acontece diariamente. As próprias crianças procuram esse carinho diante do seu professor, mas, sempre há mais cuidado a fim de não causar certas desconfianças, a partir dos olhares dos demais. Nessa fase, a dimensão do tocar e ser tocado é importante para o desenvolvimento - quando o professor o rejeita, isso acaba contribuindo negativamente para esse desenvolvimento.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O homem como professor de educação infantil ainda é uma novidade aos olhos da sociedade, e com essa novidade surgem questões que revigoram dúvidas e desconfianças da moralidade dos homens que fazem parte desse campo de atuação.

Para melhor entendimento dos resultados, seguem abaixo os perfis dos sujeitos participantes:

O Professor I fez o Concurso Público, em 2009, para educação infantil, posteriormente, assumindo o cargo em 2012. Suas razões para adentrar nessa área de trabalho foram: maior oferta de vagas, e por ser um desafio. Antes da sua

docência na educação infantil, fez parte do projeto do Exército Brasileiro, que dava auxílio à tarefa, para crianças e adolescentes de 7 a 15 anos de idade. Trabalhou na Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar (OMEP), e fez algumas substituições em escolas e CEINF. Atualmente, exerce a função de Coordenador Pedagógico em um CEINF do município de Campo Grande – MS, localizado na região do Imbirussu.

O Professor II fez o Concurso Público no ano de 2009, para atuar como professor na educação infantil, assumindo o cargo em 2010. Antes de iniciar a docência no CEINF, foi professor das séries iniciais, em uma escola particular. Quando assumiu o cargo de professor no CEINF, passou por vários níveis como: Creche I; Creche II; e o Berçário I. Somando três anos e meio como professor de educação infantil. Posteriormente, fez o Concurso Público para coordenação pedagógica, assumiu o cargo e atuou como Coordenador, em uma escola pública. Voltou para o antigo CEINF, sendo coordenador, e hoje em dia, é o Diretor em um CEINF no município de Campo Grande – MS, localizado na região do Imbirussu.

O Professor III, formado desde 2010, foi professor do Normal médio, onde fazia formação de assistentes para educação infantil, trabalhou na Educação de Jovens e Adultos (EJA), e no ensino fundamental, em escolas públicas. Fez o Concurso Público para professor da educação infantil em 2016, e assumiu o cargo em 2018. Atualmente, continua na função de professor da educação infantil em um CEINF no município de Campo Grande – MS, localizado na região do Imbirussu.

As entrevistas permitiram aos sujeitos exporem suas opiniões e percepções de experiências vivenciadas na educação infantil. Quando perguntados sobre “a diferença na docência masculina e na docência feminina”, os três Professores disseram não haver diferença, mas obtiveram diferentes ideias em relação a essa diferença. Segundo o Professor I:

*[...] Não! A dinâmica é igual, aqui no CEINF onde vê a figura masculina trabalhando é a questão da afetividade, as crianças chegam muito próximas do professor do que com a professora [...] Pela ausência do pai, muitos vêm o professor como um pai, eles abraçam, querem brincar [...] Muitas vezes isso não acontece com a professora mulher. O carinho em ambas é igual (PROFESSOR I, 2018).*

Com a resposta dada, notamos que o Professor I foi logo para a questão da afetividade na relação professor/aluno. Para ele, as crianças buscam mais contato com o professor por ver nesse profissional a figura paterna. Alencastro (2009, p. 18) ressalta que, “No decorrer do desenvolvimento, os vínculos afetivos vão ampliando-se e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem”. Partindo da premissa em questão, o Professor II vê o lado profissional dos dois sexos sem nenhuma diferença na questão pedagógica. “O correto é pensarmos na parte profissional, o que um professor vai fazer a professora também pode fazer. Se entendermos que a ‘roda’ é importante na educação infantil, se é homem ou mulher é indiferente” (PROFESSOR II, 2018). Esse mesmo professor ressalta que:

*[...] Tudo é questão de bom senso, no edital do concurso que eu fiz, não fala se é necessário homem ou mulher, e, sim, professor de educação infantil, então as atividades e aquilo que é inerente ao professor, não importa o sexo, então, percebendo*

*um professor na unidade, a gente tenta ver o termômetro da situação. O que uma professora faz, um professor também poderá fazer. (PROFESSOR II, 2018).*

Embora os Professores I e II, salientem ter nenhuma diferença na prática pedagógica da docência masculina e feminina, o Professor III, no entanto, afirma que a professora mulher tem mais facilidade em algumas questões como, por exemplo, citou na entrevista, o caso da musicalização. “Pelo que vejo aqui no meu trabalho, as professoras mulheres têm mais facilidade na hora da roda, quando é preciso trazer músicas para as crianças, não consigo ver essa facilidade em homens” (PROFESSOR III, 2018).

Ao observarmos as três respostas sobre a docência de professores homens e mulheres, os três Professores buscaram trazer à tona a questão da didática em sala. Conforme as entrevistas foram sendo realizadas, encontramos um outro lado, um lado “sombrio” escondido nas falas dos professores. Quando tocamos em tal assunto é observado que os mesmos possuem certo receio acerca disso.

Quando perguntados sobre “Ter apoio da equipe pedagógica e da gestão”, devido os três Professores terem passado por diferentes experiências, obtivemos respostas contraditórias. Segundo o Professor I:

*[...] Tive apoio sim, me acolheram muito bem, sempre deixaram claro pra mim a minha função como professor, era a minha turma, então eu trabalhava do meu jeito, o que fosse necessário trabalhar eu fazia. Na época, eu tinha uma auxiliar de sala, mas em momento algum recebi represália de funcionários da equipe (PROFESSOR I, 2018).*

Ainda que o Professor I, não teve a represália dos colegas de trabalho, o Professor II contou-nos outro lado:

*[...] Havia, sim, um estranhamento da equipe escolar, por conta que era algo novo o fato do homem querer dominar a educação infantil. Você fica sendo mais observado, tem situações que você percebe que tem mais diferença. Mesmo que os homens estejam começando a atuar na educação infantil, há certo receio e cuidado, que advém da equipe escolar. Eles sempre me ajudaram no que fosse preciso, porém, nunca me deixava sozinho em determinado tempo (PROFESSOR II, 2018).*

Para o Professor II, ter professores homens e mulheres atuando na educação infantil é indiferente à prática pedagógica, porém, ao ser recebido há, sim, diferenças, reconhecidas no “receio e cuidado”, advindos da equipe escolar. De acordo com o Professor III:

*[...] Tive apoio pedagógico total, agora, da gestão, posso dizer que sim, só que foi bem constrangedor, por conta do preconceito. Inicialmente, era uma conversa exposta como se fosse preconceito da comunidade para com o profissional. Ao passar do tempo, você percebe que esse preconceito vem dos profissionais da educação com o próprio colega de trabalho. Pelo fato de serem todas mulheres (PROFESSOR III, 2018).*

Do mesmo modo, o discurso do Professor III pouco se assemelha ao discurso do Professor II. O Professor III, ao dizer: “Ao passar do tempo, você percebe que esse preconceito vem dos profissionais da educação com o próprio colega de trabalho”, percebemos que esse preconceito advém da própria equipe. Este mesmo professor, sobre a “Resistência dos pais”, respondeu que não houve nenhuma resistência, pois, ao fazer parte da equipe, a primeira atitude que a gestão tomou foi deixar claro para todos o seu papel.

*[...] Não senti nenhuma resistência dos pais, por incrível que pareça, foi a parte que eu mais me senti satisfeito, mas, logo de início me disseram para tomar cuidado com gestos, falas e comportamentos próximos aos pais, porém, no dia a dia foi bem tranquilo (PROFESSOR III, 2018).*

Silva (2014), ao concluir sua monografia, considerou, ainda, que na sociedade ocorrem preconceitos advindos de dentro da instituição, e isso acaba permitindo que aconteçam “atitudes e olhares preconceituosos que partem muitas vezes dos próprios colegas de trabalho, levando a uma dificuldade ainda maior para esses profissionais que pretendem atuar na Educação Infantil” (SILVA, 2014, p. 31).

Ao contrário do Professor III, os Professores I e II, sentiram represálias vindas dos pais, sempre no início do ano letivo. Mas, conforme o tempo passava, os pais começavam a reconhecer seus trabalhos, observando-os com um novo olhar e não mais tendo dúvidas preconceituosas sobre suas moralidades.

*[...] Já pediram para a diretora tirar a filha da sala, por saber que era um homem que ia dar aula, pediu para que ela fosse para outro Pré, onde lá havia uma professora. A diretora não concordou e disse que o trabalho seria o mesmo, pois trabalhávamos em equipe e que a filha dela iria continuar comigo, sim. E, por fim, continuou até o final do ano, até que foi quebrada essa resistência. No final do ano, ela me pediu desculpa (PROFESSOR I, 2018).*

*[...] Diretamente a mim, nunca chegou nada, alguns pais se incomodavam com a situação e iam até a direção para poder reclamar. Mas, dentro de seis meses, já tínhamos conseguido resolver essa dúvida. Mas, a cada novo ano que se iniciava acontecia uma reunião, eu me apresentava e tentava explicar o inexplicável (PROFESSOR II, 2018).*

“Explicar o inexplicável”, palavras usadas pelo Professor II, faz com que pensemos mais sobre essa questão, e quebrems esse “muro” de dúvidas. Quando as crianças entram no CEINF, os pais preocupam-se em conhecer os professores e a rotina das crianças com estes, principalmente, as “atividades de cuidado pessoal” por serem algo novo, tanto para a criança, quanto para os pais. A cada ano que se inicia, dúvidas devem ser sanadas e os pais devem ter diálogo e maior contato com o CEINF, como um todo, pois, é responsabilidade deste, juntamente com a família, o cuidado sobre a criança.

Ao responderem sobre “como eram feitas as atividades de cuidado pessoal”, os três Professores procuraram ter cautela ao falar sobre esse assunto. O Professor I afirmou que, na sala onde atuou, as crianças já tinham mais autonomia em irem sozinhas ao banheiro, mas, quando acontecia algum imprevisto era necessária ajuda de outro profissional da área. “Quando acontecia de algum aluno fazer xixi

ou cocô na roupa, caso a minha assistente estivesse ausente, eu pedia ajuda para alguma assistente de outra sala” (PROFESSOR I, 2018).

Já no caso do Professor II, os pais sentiam-se mais seguros por ter alguém na sala. Quando trabalhou na Creche II, “A minha sala ficava em frente ao banheiro e ao lavatório, então retornava do lanche e as crianças iam ao banheiro e eu só ficava na porta auxiliando”. Esse mesmo Professor, quando trabalhou no Berçário, teve a experiência de trocar a fralda de uma criança, porém sempre com a presença de duas assistentes.

O Professor III alega que em momento algum poderia entrar no banheiro junto com uma criança para dar banho, limpar, e trocar a fralda. “As únicas coisas que eu fazia na higienização eram o banho de piscina, a escovação e arrumando os cabelos”. Porém, esse mesmo Professor toca em um ponto relevante: “Quando a minha assistente se ausentava, eu cancelava o banho e avisava aos pais o ocorrido” (PROFESSOR III, 2018). No momento da entrevista, foi observada uma angústia ao ouvir as palavras desse Professor. Provavelmente, inúmeras vezes, ele e outros professores devem ter passado por situações constrangedoras, porém estes não podem ser julgados.

Ramos (2001), em sua dissertação, apresentou, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, o estudo sobre professores homens que atuam na educação infantil, investigando o ingresso e permanência desse professor, em redes públicas do estado de Minas Gerais. O autor ressalta que no momento em que homens são inseridos nesse ambiente “feminino”, passam pela total vigilância de todos da equipe escolar, principalmente no cuidado pessoal. “Os professores do sexo masculino passam pelo crivo, pela vigilância dos adultos, especialmente, quando a função no interior da instituição infantil exige a execução das funções relacionadas ao cuidado” (RAMOS, 2001, p. 61).

Sobre esse cuidado, logo de início, vindo dos pais, criou-se uma dúvida. Então, na entrevista buscou-se compreender: “Como essas ‘dúvidas’ são retiradas logo no início do ano letivo, quando os pais descobrem que o professor regente do seu filho será um homem?” Os três Professores tocaram no mesmo assunto. Eles disseram que:

*[...] Recebi orientação da gestão: se eu sáísse para fazer a higienização, minha assistente iria ficar sozinha e isso não podia. E, claro, para evitar conflitos. Isso foi feito por ordem, um acordo que foi feito com a diretora: que eu não poderia fazer a higienização (PROFESSOR I, 2018).*

*[...] Na época, eu tinha entrado no Creche II. Havia um acordo da instituição: que os professores de Creche II não tinham auxiliares, no entanto, deixavam-me com uma assistente por conta desse fato de ir ao banheiro. Depois, foi entendido que esse auxiliar no Creche II era necessário para todo mundo, independente se fosse professor homem ou mulher. Quando eu comecei a atuar no Creche I, tivemos que fazer uma reunião com os pais para poder explicar o que a gestão sempre passava, para tranquilizá-los e que eu não iria levar ao banheiro e só ficaria com a parte pedagógica (PROFESSOR II, 2018).*

*[...] Desde o início, ficou um acordo da gestão: que tinha feito uma ressalva para com os pais sobre os procedimentos de higiene que seriam diferentes por eu ser homem, ou seja, eu não participaria do banho (PROFESSOR III, 2018).*

O Professor II, ao concluir suas palavras, disse-nos que tudo depende da demanda escolar, e isso acaba delineando para cada professor, em cada situação. Para ele:

*[...] A atitude que a diretora teve na época, de colocar uma assistente comigo, eu me senti resguardado, foi favorável, eu não ficaria exposto a nenhuma situação, dependendo da comunidade que eu tiver atuando como gestor, eu também posso ter essa providência: em colocar uma assistente com esse professor e ainda fazer reunião explicando a situação com os pais, até porque é necessário resguardar o professor que está chegando (PROFESSOR II, 2018).*

Conforme a entrevista foi sendo feita, percebe-se um pequeno constrangimento sobre ter que realizar uma reunião explicando como deveria ser realizada a prática do professor homem em sala. Mas, um ponto positivo ele tirou dessa experiência. Atualmente, atuando como gestor em um CEINF, o Professor II, em algum momento, poderá deparar-se com uma situação parecida (ter um Pedagogo em sala de educação infantil) e terá que realizar reunião, dialogar com pais e equipe pedagógica, sobre os procedimentos a serem adotados dentro do CEINF onde trabalha.

Uma das explicações para tamanha curiosidade consistiu em um ponto relevante: sobre o “acordo vindo da gestão”. Ramos e Xavier (2012), ao apresentarem a dissertação de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação, propuseram colocar em evidência as percepções da comunidade escolar sobre a entrada de professor homem na educação infantil. Segundo esses autores:

*Ao ingressarem nas instituições, esses docentes recebiam “autorização” para exercerem as atividades docentes em espaços onde eram facilmente observados por outros adultos [...] A relação que esses profissionais estabelecia com a dimensão do cuidado das crianças era balizada por inúmeras interdições: de maneira tácita, uma das formas encontradas para driblar o “olhar vigilante e acusador” era trabalhar sempre acompanhados de outros adultos (RAMOS; XAVIER, 2012, p. 103).*

A propósito, ao escolhermos os pontos relevantes das três entrevistas, algo inesperado aconteceu. Dois dos professores chegaram à mesma conclusão sobre a atuação do homem na educação infantil, observando que professores homens têm a voz ativa e isso pode contribuir à prática pedagógica. Para o Professor I, “Pelo que eu percebia das demais professoras, era eu que tinha a voz ativa e os alunos acabavam me obedecendo mais, fora que para eles era novidade e isso me ajudava muito”. O Professor II, em outras palavras, também chegou nesse mesmo ponto:

*Com as crianças eu me sentia bem à vontade, percebi até na questão da voz de comando, de desenvolver as atividades comigo do que com uma professora mulher. As crianças têm*

*curiosidade de estar com um professor homem em sala, você tem como facilitador o fato de já chamar a atenção dele por si só, dependendo do caminhar que você der, isso se torna evidente. Eu sempre tive facilidade em lidar com as crianças (PROFESSOR II, 2018).*

Essa facilidade dita pelo Professor II está presente em cada profissional da área, cabe-lhes, assim, buscar e aperfeiçoar seus métodos. Em outras palavras, “Professor x Professora” tornou-se indiferente, pois vai de cada profissional. Do ponto de vista de Silva (2014, p. 23):

Os homens aprendem a cuidar, assim como as mulheres também cuidam, mas ambos quando são diferentes também cuidam de forma diferente e diversa; não existindo um padrão feminino ou masculino de cuidar, independentemente do gênero do professor, esse profissional atuará na Educação Infantil conforme sua capacidade, amor e dedicação.

Dessa forma, mesmo que professor homem em uma sala de educação infantil torne-se novidade aos olhos da sociedade e da equipe escolar, devemos, também, compreender o lado dos pequenos. Ao observarmos as entrevistas, pudemos notar que os Professores entrevistados, mesmo tendo dificuldades em algumas situações ocorridas no dia a dia em sala de educação infantil, encontraram algo esplêndido que faz com que se esqueçam dessas dificuldades e lutem pelo bem maior: o amor e o cuidado com os pequenos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a docência masculina na educação infantil na Rede Municipal de Educação de Campo Grande – MS. Para obtenção dos objetivos alcançados foram realizadas entrevistas semiestruturadas com Professores homens que trabalham ou trabalharam em CEINF. As perguntas selecionadas deram abertura para outras dúvidas, proporcionando pontos relevantes que foram de extrema importância para a análise das situações vivenciadas.

Dentre os pontos relevantes deste estudo, destacamos: a diferença de atuação de homens e mulheres, a afetividade na relação professor e aluno, as atividades de cuidados pessoais, o apoio advindo da equipe pedagógica e da gestão e, ainda, a resistência dos pais e da comunidade escolar.

Os Professores entrevistados mostraram satisfação em atuarem na educação de crianças, e mostraram um árduo trabalho para terem o reconhecimento de pais, equipe pedagógica e da sociedade, como um todo. Observaram que se trata de uma relação construída diariamente, sob olhares e suspeitas da comunidade e da equipe escolar, mas que, ainda assim, é possível observar um sensível aumento de homens nessa área de atuação.

Desse modo, cabe a esses profissionais acreditarem em si mesmos, buscando o melhor nas suas práticas pedagógicas, não para mostrar aos demais sobre suas capacidades, e, sim, para aqueles pequenos que, em momento algum sentem-se ofendidos e atingidos pelos professores. Portanto, a luta deve ser não por professoras mulheres ou professores homens na educação infantil, e, sim, por profissionais capacitados para estarem nesse campo de atuação, tendo

habilidades e competências nas suas práticas em sala, fazendo o melhor para contribuir com o desenvolvimento das crianças.

# The Male Teacher in Early Childhood Education

## Abstract

This research is based on some concerns about male teaching in early childhood education: How is this professor's daily life? Are there any resistances to your work for being a man? We set as a general objective: to analyze male teaching in early childhood education in the Municipal Education Network, of Campo Grande - MS. This is a qualitative research, with a bibliographic and field documentary approach. Semi-structured interviews were conducted with three male teachers who work or worked in Early Childhood Education in this school network. The collected data were systematized and analyzed based on the assumptions of Alencastro (2009), Ramos (2011), Ramos and Xavier (2012) and Silva (2014). The results indicate that these teachers needed a long time to gain the trust of parents and co-workers, not to overcome all suspicions, but to establish a respectful work routine and extra-class coexistence.

**KEYWORDS:** Early Childhood Education. Male Teaching. Feminization.

# ENSEÑANZA MASCULINA EN EDUCACIÓN INFANTIL

## RESUMEN

Esta investigación se basa en algunas preocupaciones sobre la enseñanza masculina en la educación de la primera infancia: ¿Cómo es la vida diaria de este profesor? ¿Hay alguna resistencia a tu trabajo por ser hombre? Nos fijamos como objetivo general: analizar la enseñanza masculina en la educación de la primera infancia en la Red Municipal de Educación, de Campo Grande - MS. Esta es una investigación cualitativa con un enfoque documental bibliográfico y de campo. Se realizaron entrevistas semiestructuradas con tres maestros varones que trabajaban o trabajaban en Educación Infantil en esta red escolar. Los datos recopilados fueron sistematizados y analizados con base en los supuestos de Alencastro (2009), Ramos (2011), Ramos y Xavier (2012) y Silva (2014). Los resultados indican que estos maestros necesitaban mucho tiempo para ganarse la confianza de los padres y compañeros de trabajo, no para superar todas las sospechas, sino para establecer una rutina de trabajo respetuosa y una convivencia extra-clase.

**PALABRAS CLAVE:** Educación de la primera infancia. Enseñanza masculina. Feminización.

## REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Clarice E.. **As relações de afetividade na educação infantil**. 2009. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009. Disponível em: <http://peadalvorada09.pbworks.com/f/afetividade.pdf>. Acesso em 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>> Acesso em 28 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990. Disponível em: [http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto\\_crianca\\_a\\_doléscente\\_9ed.pdf](http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_a_doléscente_9ed.pdf). Acesso em 28 out. 2018.

CAMPOS, Maria M.; GROSBaum, Marta W.; PAHIM, Regina; ROSEMBERG, Fúlvia. Profissionais de creche. **Cadernos Cedes**, São Paulo: Cortez/Cedes, n. 9, 1991, p. 39-66.

MANZINI, Eduardo J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, Maria C.; ALMEIDA, Maria A.; OMOTE, Sadao (Orgs). **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduel, 2003. p. 11-25.

MOTTI, Kátia R. N. R.. **A Municipalização da Educação Infantil em Campo Grande Pós-LDB/1996**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande., 2007. Disponível em: <https://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/632>. Acesso em 28 out. 2018.

RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte – M.G.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

RAMOS, Joaquim; XAVIER, Maria C.. Percepções da comunidade escolar sobre os professores homens na Educação Infantil. **Paideia**, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/view/1581/991>. Acesso em 28 out. 2018.

SAYÃO, Deborah T.. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <http://www.cidadaniaepaz.se.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/rela%C3%A7%C3%B5es-de-genero-na-creche.pdf>. Acesso em 28 out. 2018.

SILVA, Angela C. G.. **Reflexões sobre o professor do sexo masculino na educação infantil**. 2014. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2014. Disponível em: <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/Monografia.pdf>. Acesso em 28 out. 2018.

VIANNA. Claudia P. . A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília, DF: Abaré, 2012. p. 159-180.

### Entrevistas

ENTREVISTA, **PROFESSOR I**. Rede Municipal de Ensino de Campo Grande - MS. Entrevista realizada em 16 de outubro de 2018.

ENTREVISTA, **PROFESSOR II**. Rede Municipal de Ensino de Campo Grande - MS. Entrevista realizada em 17 de outubro de 2018.

ENTREVISTA, **PROFESSOR III**. Rede Municipal de Ensino de Campo Grande - MS. Entrevista realizada em 18 de outubro de 2018.

**Recebido:** 02/05/2020.

**Aprovado:** 11/06/2020.

**DOI:** 10.3895/cgt.v13n42.12183.

**Como citar:** SOUZA, Jennifer Iunka de; DOMINGOS, Mykael Ferraz; BRAGA, Rafael Henrique Sappatera; OLIVEIRA, Arao Davi. Percursos e percalços da docência masculina na educação infantil em Campo Grande-MS. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 13, n.42, p. 243-258, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

Jennifer Iunka de Souza  
Rua Narciso Dias, 2274 Bairro: Nova Lima, campo Grande - MS, Brasil

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

